

Saída de capital afetou balanço

As repercussões da crise asiática no Brasil modificaram drasticamente a trajetória do balanço de pagamentos em 1997, que registrou um déficit de US\$ 7,9 bilhões. No último trimestre do ano, quando os efeitos da crise se fizeram sentir, houve uma expressiva saída líquida de investimento de portfólio (basicamente ações) e acelerou-se a saída de recursos de curto prazo através das contas de não-residentes (CC5).

Com isto, não foi possível financiar totalmente o déficit em conta corrente de US\$ 33,4 bilhões, equivalente a 4,15% do PIB. O resultado foi o déficit no balanço de pagamentos, praticamente igual à perda de reservas internacionais durante o ano (US\$ 7,68 bilhões no conceito de caixa e US\$ 7,94 bilhões no conceito de liquidez, que inclui haveres de médio e longo prazo).

No quarto trimestre de 1997, houve uma saída líquida de investimentos de portfólio de US\$ 2,8 bilhões, que fez com que a entrada líquida durante todo o ano ficasse em US\$ 5,3 bilhões, 16% a menos do que em 1996. A saída líquida de capitais em 97 pelas CC5, importante veículo para aplicações de recursos externos em renda fixa de curto prazo, somaram US\$ 21,3 bilhões, em um salto de 64% em relação a 1996.

Altamir Lopes, chefe do Departamento Econômico (Depec) do Banco Central (BC), apresentou ontem os dados completos do balanço de pagamentos em 1997, e fez questão de destacar alguns aspectos positivos. O principal refere-se ao ingresso espetacular de investimentos externos diretos, de US\$ 17,1 bilhões no ano passado, que se manteve praticamente imune à crise. Lopes prevê que ele atinja US\$ 20 bilhões em 98, com aproximadamente metade ligada à privatização.

Mas o Brasil não está usando o investimento direto para reduzir em termos absolutos a dependência de capitais mais voláteis. Apesar daqueles investimentos terem saído de um patamar anualizado de US\$ 4,6 bilhões em janeiro de 96 para US\$ 17,1 bilhões em dezembro de 97, a parcela do déficit em conta corrente que eles não financiam manteve-se em torno de 2% em 97, e era até menor em 96.

Importações financiadas

Outro fator positivo, segundo Altamir Lopes, foi o expressivo aumento das importações financiadas por mais de 360 dias, que eram 3% do total das importações em 96, e atingiram 37% nos últimos meses de 97. Os financiamentos a importações de médio e lon-

go prazo ampliaram-se em US\$ 15,7 bilhões em 97, comparado com US\$ 1,1 bilhão em 96.

Parte daquele efeito, porém, é meramente contábil. Em abril, o governo tornou obrigatória a antecipação do fechamento de câmbio - equivalente a um pagamento à vista - em importações com financiamento de menos de 360 dias. Havia uma série de financiamentos formalmente inferiores àquele prazo, mas que na prática, através de rolagens automáticas, superavam os 360 dias. Com o incentivo das novas regras, estes financiamentos foram registrados corretamente em 97.

O crescimento dos empréstimos e financiamentos externos de médio e longo prazo em 1997 atingiu US\$ 47,2 bilhões, 380% maior que a expansão do crédito exterior em 96. Daquele total de 97, US\$ 2,2 bilhões são só contábeis, relativos à troca de "Brady bonds" (títulos da dívida externa reestruturada) por "global bonds" e títulos domésticos.

Os dados do BC mostram o efeito da crise asiática sobre as captações brasileiras. Em janeiro de 1997, o prazo médio caiu para 4,2 anos, ante 8,5 no último trimestre de 1996, e o "spread" subiu para 435 pontos-base (centésimos de ponto percentual), comparado com os 386 do período anterior.

(F.D.)